

## ELEMENTOS BÁSICOS DA NACIONALIDADE — O HOMEM

GILBERTO FREYRE

Rara a nacionalidade — se é que existe alguma — formada por um só tipo étnico e sócio-cultural de homem. De ordinário, vários são os tipos bio-sócio-culturais de homem que concorrem ou têm concorrido para formações dessa espécie. Tipos de personalidade contraditórios: dionisiacos e apolíneos, extrovertidos e introvertidos, ativos e contemplativos, racionais e intuitivos, conservadores e inovadores, sedentários e andejos. Tipos de origens históricas diversas, de adaptações diversas ao mesmo espaço nacional, ou a tornar-se nacional, de especializações também diversas em aspectos do seu comportamento que contribuem para a unidade, organização ou desenvolvimento nacional: a especialização agrária, a pastoril, a marítima, a urbana, a rural, a econômica, a intelectual, a artística. Não é só uma jangada que se faz com vários paus: também uma nacionalidade se faz com vários elementos humanos que de básicos passem a funcionais.

Nacionalidade no sentido sociológico de uma sociedade e de uma cultura organizadas com objetivos nacionais que cheguem até a sua autonomia como Nação constituída em Estado. Pois, em-

bora se saiba de nacionalidades que não atingem essa plenitude e são apenas minorias étnico-culturais, dentro de conjuntos imperiais, é em Estados-nações que de ordinário se pensa quando se fala em nacionalidades: assunto magistralmente estudado pelo Professor Carlton Hayes em obra que se tornou clássica.

Há um complexo nacional formado pelo Brasil — terra, água, espaço físico, ambiente, ecologia geral; pelo homem que, a princípio como pré-brasileiro, depois, como brasileiro, vem explorando, através do tempo histórico, essa terra e essa água, ocupando esse espaço, harmonizando-se com esse ambiente, com essa ecologia, com essa situação física; pela brasilidade — digamos assim — que vem resultando, como conjunto bio-sócio-cultural de técnicas, de modos de vida, de hábitos de alimentação, de valores éticos e estéticos, de toda uma variedade de ligações desse homem, primeiro pré-brasileiro, depois brasileiro, com o espaço em que se situou, com o ambiente ou a ecologia com que se vem harmonizando e, também, com o tempo em que, historicamente, se vem prolongando de indivíduo

em pessoa, em meta raça, em sociedade e em cultura: um indivíduo biológico, uma pessoa humana, uma meta raça, uma sociedade que já se apresenta com característicos gerais nacionalmente brasileiros. Há um tipo já nacional de homem brasileiro para o qual vêm convergindo vários subtipos regionais que podemos considerar básicos na formação — que ainda se processa — desse tipo bio-sócio-cultural total.

Tal homem, tal meta raça, tal sociedade, tal cultura, tal tipo apresentam semelhanças com outros tipos nacionais. Mas sua singularidade, como tipo que possa ser denominado nacional, é apenas um mito, embora tenha alguma coisa de mito e até ficção como todo tipo dos chamados nacionais. Não há fantasia em pretender-se haver já uma singularidade brasileira que se exprime num tipo geral de brasileiro caracterizado por um conjunto de modos, que lhe são peculiares, de andar, de falar, de sorrir; por preferências gerais, acima das regionais, algumas dessas regionais sendo muito expressivas, de paladar; por uma generalidade de aspecto físico marcada pela predominância de morenos sobre louros, de mestiços sobre indivíduos de etnia pura, de dionisiacos sobre apolíneos, com essas predominâncias de modo algum significando exclusividade absoluta de aspectos e de modos de comportamento que excluam os contrários ou dêem a esses contrários o caráter de aspectos e comportamentos anti-brasileiros. Há brasilei-

ros ruiuos — nórdicamente ruiuos, até — sem que a esse aspecto corresponda sempre o modo de comportamento apolíneo de ordinário associado ao tipo nórdico do mesmo modo que há brasileiros de pele preta de um comportamento antes apolíneo — dos ingleses clássicos — que dionisiaco, como o da maioria de negros africanos. Recordo três exemplos: o Arcebispo Dom Silvério, o psiquiatra Juliano Moreira e o engenheiro Teodoro Sampaio. Enquanto o brasileiro de origem norte-européia Germano Hasslocker foi um quase puro dionisiaco.

Essa pluralidade antropológica de aspectos físicos, cromáticos, biosociais, é característica do brasileiro sem que falte ao homem, situado em espaço tão vasto como o do Brasil — considerado esse homem menos como indivíduo biológico ou como aparência étnica ou cromática do que como pessoa no sentido sociológico da expressão — uma unidade geral que surpreende ao observador, tratando-se de gente, isto é, de homem, espalhado em sub-regiões diversas de um tão vasto espaço continental, embora quase todo êle favorável a essa unidade pela sua condição, quase toda, de tropical e de subtropical. Condição à qual pensam alguns que se vem juntando, nas sub-regiões fisicamente não tropicais, a situação sócio-cultural ou psicocultural de sub-regiões tropicalizadas por contágio com as subtropicais e tropicais, em crescente processo de identificação — segundo parece a alguns analistas do assunto — com uma cul-

tura nacional brasileira de vivências e convivências predominantemente tropicais para o Homem mais impregnado dessa cultura.

O homem vivente e convivente não pode ser definido apenas em termos abstratos, matemáticos, estatísticos. Precisamos de defrontar-nos com o que nêle seja o que Unamuno chamava "carne e osso". Precisamos de considerá-lo, o mais possível, na sua totalidade bio-sócio-cultural: não só o ser que pensa, sente, sonha, fala, ri, reza, dança, fabrica, pinta, toca viola, fuma, distinguindo-se, por essas aptidões humanas, dos demais animais como o que copula, come, defeca, canta, sua, corre, grita, sobe nas árvores, desce nas águas, nada, sendo, nessas expressões de vida, ao mesmo tempo que universal como indivíduo biológico, particular; diverso, regional, pré-nacional, como pessoa, isto é, como indivíduo socializado e aculturado de acôrdo com uma ecologia, uma cultura, um grupo a que pertença, ou dentro do qual nasceu ou cresceu; e, de acôrdo com êsses condicionamentos, praticando atos animais de diferentes maneiras bio-sócio-culturais.

É em virtude dessas particularizações de comportamento, decorrentes de situações ecológicas e culturais particularizadoras da condição humana, que se pode falar de um homem brasileiro como de um homem francês, de um homem espanhol, de um homem russo, de um homem mexicano, de um homem paraguaio, de vários outros homens nacionais; de vários outros tipos nacionais ou regionais de Homem.

Para êsse tipo nacional de Homem brasileiro — ainda em formação, mas já bastante definido, antropológica e sociologicamente — sabemos que têm concorrido, e continuam a concorrer, vários tipos regionais, alguns dinamizados em transregionais: o caso clássico do Bandeirante. O do nordestino. O do próprio gaúcho que se tem projetado sôbre o Brasil central.

Se, ao antropólogo Bastos de Avilla, o tipo brasileiro de homem conhecido por *gaúcho* se apresenta como transitório, e não como básico ou essencial, é que para êle *gaúcho* tem um sentido restrito. Não se refere ao rio-grandense do Sul em geral. Porque êste tem sido evidentemente um tipo, além de básico, funcional, na formação da nacionalidade brasileira, com uma atuação que se tem projetado fora da província ou do Estado do Rio Grande do Sul e não apenas se afirmado na defesa ou no resguardo da fronteira meridional do Brasil formado pelo mesmo Rio Grande do Sul. Por essa atuação, o rio-grandense do Sul — de ordinário branco, por vêzes com algum salpico de sangue ameríndio, raramente tocado de sangue negro — pode ser considerado tipo de homem essencial, dentre os que mais vêm contribuindo para a formação da nacionalidade brasileira: o Bandeirante, o mineiro, o paraense, o nordestino — no nordestino incluído o balano — e, ainda, aquêle neobrasileiro do extremo Sul que, sob alguns aspectos, se vem tornando paradoxalmente mais zeloso de tradi-

ções brasileiras que o brasileiro mais antigo.

A esta altura, impõe-se uma definição quanto possível exata daquelas expressões antropológicas e sociológicas já utilizadas, ou a ser utilizadas, pelo conferencista, nesta tentativa de apresentação de uma teoria que muito se presta, conforme as expressões verbais por que seja considerado o assunto, a confusões de caráter semântico. Devemos, assim, procurar definir conceitos como o de Homem; o de Homem Situado; o de Ecologia geral; o de Indivíduo biológico; o de Meta Raça; o de Pessoa; o de Sociedade; o de Complexo de Cultura; o de Cultura; o de Tropicalidade adquirida com que se completa o de Tropicalidade inata; o de Antropologia do Homem situado nos Trópicos. Alguns desses conceitos são próprios do conferencista embora já submetidos à apreciação de mestres e analistas universitários do país e do estrangeiro e por estes acolhidos e aprovados: o de Antropologia do Homem situado nos Trópicos, oficialmente, pelos mestres de Ciências do Homem da Sorbonne; o de Meta Raça, por mestres da Universidade Inglesa de Sussex; enquanto com o de Tropicalidade adquirida que se acrescenta ao de Tropicalidade inata coincide, no essencial, o critério que vem sendo seguido pela Academia Francesa de Ciências (do Ultramar), da qual o conferencista tem, aliás, a honra de ser membro; e com o da Ecologia coincidem, no essencial, o do Professor Bews, da África do Sul, e o do Professor Mukerjee, da Índia, sem que

ao brasileiro falte o que um estudioso anglo-americano do assunto, o Professor Edmonds, considera a sua ênfase — ênfase como que extra-sociológica, mas, na verdade, sociologicamente atenta à repercussão do telúrico sobre o comportamento psicossocial do Homem Situado. Por conseguinte, ênfase antropossociológica. Ênfase no aspecto telúrico da ecologia.

Consideradas as referidas expressões nos significados, quanto possível exatos, com que delas se utiliza o conferencista, poderão ser evitadas — repita-se — algumas daquelas confusões semânticas que tanto podem prejudicar o entendimento em torno de estudos antropológicos e sociológicos. O critério do conferencista, em face desses estudos, vem sendo, em grande parte, o de procurar abordá-los, quer com relação ao Homem, às Sociedades e às Culturas, em geral, quer com relação ao Homem, à Sociedade e à Cultura brasileiros, em particular, procurando notar o que, nos encontros de formas e de processos que sejam antropológica e sociologicamente gerais, polivalentes, com substâncias ecológica, étnica, etnográfica, etnicamente diferentes, entre si, apresentam-se sob configurações existenciais. Configurações que precisem de ser compreendidas através de análises do que, nelas, ao essencial de formas e de processo gerais se junte o que seja situacionalmente existencial e até — heresia para os sociólogos demasiadamente abstratos no seu modo de ser sociólogos — de concreta, de telúrica e de situacio-

nalmente diferenciado ao ponto de uma situação regional — regional no sentido amplo da palavra — poder condicionar uma variante significativa do que venha sendo considerado monoliticamente geral. Sob êsse critério — já antigo entre alguns antropólogos e sociólogos brasileiros — é que, recentemente, sociólogos europeus concordaram, em reunião na Sorbonne, em que conceitos tidos por universalmente válidos de classe e de luta de classes não se adaptariam a situações africanas, compreendendo-se que, entre alguns grupos africanos, se estejam desenvolvendo esquemas de neo-socialismo ou de neocapitalismo, de tal modo diferentes dos europeus que os ideólogos europeus, adaptos desses sistemas, os consideram aberrações intoleráveis.

O que se dá, nesses casos — diga-se de passagem — é que diante deles, se manifestam atualmente tentativas de retificação, no plano político, da confusão que, vinda do século XIX, se vinha projetando no XX, entre europeísmo e sociologismo com pretensões a científico e, como tal, a universalmente válido; entre europeísmo e antropologismo com iguais pretensões, à base de um exclusivo conhecimento de situações européias ou ocidentais. O Brasil não vinha escapando a essas projeções imperiais de filosofia ou de ciência social européia — ou anglo-americana — sobre situações brasileiras não de todo, nem européia nem subeuropeias; mas a cuja análise teórica e a cujos problemas concretamente políti-

cos, econômicos, sociais, culturais, pretende aplicar-se a pura e simples transferência, para uma ecologia e uma situação em grande parte não européia, de concepções e soluções européias e anglo-americanas de realidades biosócio-culturais tidas como universais. Dai, durante o Império, no Brasil, um parlamentarismo que felizmente — pensam alguns estudiosos do assunto — teve corretivo no exercício do chamado "poder moderador" — um brasileiro — pelo monarca, êle próprio, entretanto, foi vítima, noutros aspectos do seu comportamento, de um europeísmo alheio à situação do brasileiro como homem ou gente em parte não européia; e durante as várias repúblicas, que têm vigorado no Brasil, desde 1889, um eleitoralismo e um democratismo, teoricamente sedutores, mas, na prática, suscetíveis de fáceis deformações, foram felizmente atenuadas — pensam ainda estudiosos da matéria — por um presidencialismo que parece ter herdado da monarquia o sentido realista, objetivo, por vêzes aparentemente e, em alguns casos, realmente, antidemocrático, daquele excelente brasileiro político que pode ser considerado o "poder moderador".

Não devo prosseguir em comentários, embora pertinentes, em torno do que, sendo consideração antropológica e sociológica do Homem como homem situado, oriente o estudo do Homem brasileiro como um homem a quem sua situação ecológica, social e cultural dá característicos que o distinguem de outros homens si-

tuados, sem o isolarem num homem único na sua singularidade, sem concretizar a prometida definição daqueles conceitos fundamentais para qualquer tentativa de apresentação de assunto ou tema antropológico ou sociológico sob critério ao mesmo tempo situacional e existencial.

*Homem*, que é, considerado antropológica ou sociologicamente? É um indivíduo biológico que só adquire realidade plena socializado e aculturado em pessoa: *pessoa humana*. *Homem situado* é o homem concreto, específico, quanto à sua situação em espaço e em tempo, físicos e sociais. Sua situação racial é parte de sua situação concreta mas tende a ser quase anulada pela crescente ascendência, em algumas sociedades — a brasileira é uma delas — da substituição da consciência de raça, diluída pela mestiçagem, pela consciência meta-raça: conceito, aliás, brasileiro. O *Indivíduo biológico* é, no caso do Homem antes de social e culturalmente humanizado por um tipo de socialidade e por um tipo de cultura que façam dele aquela já aludida *Pessoa*, um homem apenas em potencial. *Pessoa* repita-se que é esse indivíduo biológico socializado de membros — *socius* — de um grupo e em participante, direto ou indireto, de uma cultura grupal: tribal, regional, nacional, transregional. *Ecologia* geral, é a que, vegetal, animal, humana, envolva, como ambiente total, inclusive telúrico, um indivíduo biológico que esteja sendo, ou já esteja, socializado e aculturado em pessoa confor-

me, em grande parte, condições próprias desse ambiente total. Por *Sociedade* deve-se entender, em Antropologia Social e em Sociologia, a população que constitui uma unidade social como organização mais ou menos distinta das de outras sociedades. Por *Cultura* entende-se o conjunto de invenções e de desenvolvimento de aptidões humanas, tanto materiais — técnicas de construção, de abrigo, de caça, de pesca, de agricultura, de transporte, etc., como não materiais, tais como crenças e idéias. Como conjunto geral, a cultura pan-humana se apresenta sob o aspecto de vários e diferenciados conjuntos culturais específicos, tribais, regionais, nacionais, transnacionais. Exemplos: a cultura maia, a banto, a guarani, a cultura francesa, a cultura germânica, a eslava, a ocidental, a islâmica. Por *complexo de cultura* deve-se entender uma cadeia de invenções e de desenvolvimentos, associados funcionalmente, em torno de um motivo central ou principal como é, por exemplo, o trigo ou o café ou o vinho, podendo-se também falar de um complexo nacional de cultura desenvolvido, assim inter-relacionada e funcionalmente, em torno de motivos nacionais de existência, convivência, coesão e desenvolvimento: o complexo nacional de cultura japonesa, por exemplo. *Tropicalidade* refere-se à ecologia tropical sobre a qual se projete uma cultura por sua vez condicionada, embora não determinada, por essa situação de espaço físico, como é o caso da cultura indiana e de grande parte da cultura

brasileira. *Tropicalidade adquirida* é a que, mais cultural que ecológica, seja adquirida por contágio, de uma cultura ecológica vizinha, como é o caso de vários valores e usos tropicais que brasileiros de subáreas temperadas vêm juntando aos seus valores e usos não tropicais, numa como solidariedade com os usos e valores da maioria brasileira, tropicalmente situada e condicionada. *Antropologia do Homem situado no Trópico* é aquela antropologia especial, originária do Brasil e consagrada oficialmente por mestres de Ciências do Homem na Sorbonne, que procura estudar o Homem situado no Trópico dentro das inter-relações de Ecologia e de Cultura que lhe estejam, porventura, dando um perfil antropológico, bio-social, próprio da sua situação. O *Homem brasileiro*, do qual já Alvaro Osório de Almeida sugeriu, após pesquisa memorável, que seria diferente no seu metabolismo do Homem das áreas temperadas, pode ser considerado exemplo, no setor fisiológico com repercussões no sócio-cultural, de homem situado no trópico. Homem, o brasileiro, também caracterizado, nesses setores, por sua crescente, isto é, crescentemente generalizada, morenidade, talvez protetora de sua maior adaptação ao ambiente tropical: espécie de que teria sido o urucu para ameríndios de pele menos escura. Tal morenidade, em grupos numerosos de brasileiros — o nordestino, por exemplo, e também os de certas sub-regiões do Centro-Sul — vem resultando, quer do amorenamento pelo sol tropical, quer da consi-

derável miscigenação em que se vêm unindo os sangues europeus, ameríndios e africanos.

Ao vaticínio de vir a ser o Brasil, dentro de algum tempo uma "população de mulatos", falta idoneidade antropológica. Mas é provável maior generalização de morenos, nessa população, a ponto de tornar-se a morenidade uma predominância característica do Homem brasileiro com cada dia menor número de exceções. Mesmo porque é possível que esteja para acentuar-se a valorização, quer por motivos biológicos, quer por motivos estéticos, dessa melanização e até de característicos outros a ela de ordinário associados. É também possível que para tornar efetiva essa valorização ou essa preferência — "a côr morena é côr de ouro", diz já a poesia popular — possam concorrer meios científicos já em experimentação, de alteração de formas e de côres de corpo ou da figura humana conforme preferências estéticas e conveniências higiênicas ligadas a condições ecológicas. É um sábio da autoridade e da responsabilidade científica do Professor Carleton S. Coon quem o informa, em obra notável, *The Living Races of Man*, escrita com a colaboração de Edward E. Hunt Junlor e publicada em Nova York em 1965. "*Recent research on the action of two hormones secreted by the pineal body*" — escreve este sábio mestre de Antropologia Física à página 317 do seu trabalho — "*make it possible that before long people will be able to change their skin color whenever they like, by simple in-*

*jections*". O Professor Coon admite que as diferenças raciais mais ostensivas possam vir a ser superadas não só na sua anatomia como na sua fisiologia: inclusive quanto a desníveis de inteligência acusados pelos QI, através de testes que, entretanto, parecem corresponder principalmente a adaptações de capacidade mental a um tipo dominante de cultura. Esse tipo dominante sabemos que atualmente é o europeu desdobrado no anglo-americano.

Em relação com esse tipo dominante, mas não exclusivo, nem sistematicamente opressor de outros tipos de cultura, é que se vem processando o desenvolvimento do Brasil, como Estado-nação. Como Estado-nação, o brasileiro é senhor de vasto, vastíssimo território. Esse brasileiro, como tipo durante algum tempo mais politicamente nacional do que ecológicamente situado, vem-se tornando cada dia mais consciente tanto de sua ecologia como que nacionalizante, como da sua definição, através do tempo histórico, em tipo nacional. Consciente, também, da sua brasilidade, como conjunto menos de invenções do que de valores e de usos culturais assimilados ou imitados de outros sistemas de cultura e crescentemente adaptados a uma ecologia como que, ela própria, nacionalmente brasileira. Telúricamente brasileira, até. Brasileira e abasileirante.

Esse desenvolvimento, podemos os brasileiros considerá-lo satisfatório? Estaremos já começando a desenvolvermos como um sistema nacional libertado de europe-

ismo ou de fanquismos excessivos que desprestigiem a imagem que de nós próprios devemos fazer como Homem, como Cultura, como Nação situados, em grande parte, em espaço tropical e, em grande parte, mestiços em vez de isto ou aquilo, pura ou exclusivamente? Estaremos considerando nossa condição de gente, em grande parte, morena, e até amarela, uma condição ecológicamente positiva, em vez de negativa, dado o fato, estabelecido pelos estudiosos mais profundos do assunto — como H. F. Blum, em seu "Light and the Melanin Pigment of Human Skin" (*New York Academy of Sciences*, Sp. vol 4 (1949)), e N. A. Barnicot, em "Human Pigmentation" (*Man*, nº 144 (1957)) — de ser a pele escura — amarela, parda, preta, morena — mais eficiente do que a alva na resistência ao que haja de deletério nos efeitos sobre o Homem, da luz mais intensa dos trópicos, podendo considerar-se saudavelmente ecológico o amarelo — "The glossy yellow skin" — da pele dos mestiços da América tropical, em geral — inclusive do Brasil? Sendo, assim, é evidente, a vantagem, sobre brancos alvos, do chamado "amarelinho" brasileiro, a quem o folclore atribui qualidades que contrastam com a sua cor, aparentemente doentia, e com o seu franzino de corpo. Precisa o brasileiro de inteirar-se do fato de que a identificação, em termos absolutos, de faces cor-de-rosa do Homem com saúde, vigor, viço, superioridade física, é um europeísmo convencional como fanquismo convencional é a associação da estrutura elevada ao vigor físico: mito já tão desmen-

tido pelo rigoroso, enérgico e eficiente tipo nacional que, de arcaico, passou a moderno e que é o japonês pequeno e amarelo. Tanto a elevação de estatura de americanos dos Estados Unidos, nos últimos decênios, como a de japoneses após longa residência nos mesmos Estados Unidos e aí nutridos à maneira anglo-americana, não se pode atribuir vantagem que valorize de modo absoluto tal elevação.

O Professor José Bastos de Avila, em sua excelente *Antropologia Física*, publicada no Rio de Janeiro em 1958, do mesmo modo que este conferencista em trabalho que data de 1936 — intitulado *Nordeste* e hoje em quarta edição — admite a existência, no Brasil, de tipos regionais de Homem brasileiro “mais ou menos fixados, entre os quais o nordestino parece definitivo”, em contraste com o *gaúcho* do Sul que seria, para Bastos de Avila, simples “tipo de transição ou de contato”. Repele o ilustre antropólogo a idéia de uma “raça brasileira” a que por vèzes levianamente se referem, sem mais aquela, antes curiosos da Antropologia que antropólogos autênticos. Não existe, a rigor, tal raça. Daí poder admitir-se que, em seu lugar, exista, no nosso país uma meta raça: tese que este conferencista defendeu há pouco, em conferência em língua inglesa proferida, na Universidade de Sussex e publicada, nessa língua, pela mesma universidade.

O máximo a que se pode chegar, neste setor, é a reconhecer um tipo brasileiro, já nacional, de Homem, e que se define mais

por característicos psicoculturais, que lhe sejam próprios, do que por característicos biofísicos especificamente brasileiros. Que a êsse tipo nacional de Homem possa ser atribuída, além de uma média de côr trigueira ou morena, que vá do moreno escuro ao claro, amarelado — e que permite o uso atual da palavra “moreno”, no Brasil, para designar até indivíduos de côr preta que a delicadeza nacional evite chamar de negros: outra tese defendida naquela conferência em Sussex — uma média de estatura antes baixa do que alta, não basta para poder um antropólogo caracterizá-lo como tipo já racial novo. O branco brasileiro — o *leucodermo* da classificação de Roquette Pinto no seu clássico *Notas sobre os tipos antropológicos do Brasil*, publicado no Rio de Janeiro em 1929 — apresenta dois tipos de estatura, em torno de 1,63 e 1,69. O *leodermo* — vulgarmente chamado mulato — é, na sua grande maioria indivíduo com a estatura média de 1,64. O *xantodermo*, ou seja o de ordinário denominado mameluco, apresenta-se com uma média de estatura também mais baixa do que alta: em redor de 1,63 e 1,69. Todos, portanto, indivíduos com uma média de estatura abaixo de 1,70.

Quanto à côr da pele, especifique-se do branco brasileiro que homem de pele, em geral, trigueira ou morena (nº 10 a nº 19 da escala de Von Luschan), a êsse moreno de pele correspondendo cabelos, em geral negros, olhos, em geral, escuros e braquicéfalo. Do mulato brasileiro especifique-se que a sua pele é parda mais ou menos escura —

do pardo ao amarelo (nº 20 ao nº 30 da escala de Von Luschan) os olhos escuros, o que é mesocéfalo. Do mameluco, pormenorize-se que se apresenta de pele entre parda e amarela (do nº 20 ao nº 30 da escala Von Luschan), cabelos negros, olhos escuros, e que, braquicéfalo. Do negro brasileiro, esclareça-se que sua pele mais ou menos negra vai do nº 30 ao nº 36 da escala de Von Luschan, que seus olhos são escuros, seus cabelos escuros e é braquicéfalo. Compreende-se que com tal predominância estatística, antropométrica, cronométrica, de pele morena — parda, parda amarelada, amarela, preta — de cabelos e de olhos escuros, de braquicefalia, se possa falar no brasileiro como um tipo nacional de homem predominantemente — embora de modo algum exclusivamente — são numerosos os brasileiros brancos, alvos, albinos, quando muito amorenados pelo sol — moreno, havendo algum apoio antropológico para o uso amplo, elástico, do qualificativo *moreno* para incluir os vários graus da escala de Von Luschan: do nº 10 ao 36. Compreende-se, mais, que com essa extensão do qualificativo *moreno* para o brasileiro mais típico, quer preto, quer apenas trigueiro, ou somente amarelo, esteja a desenvolver-se, inconscientemente, no Brasil uma como mística de *morenidade* — com o indivíduo *moreno* de côr amarelada dominante em algumas áreas — que se opõe, de modo sociologicamente significativo, a mística de exclusividade racial: a de negritude e a

da branquitude como expressões políticas de raça.

O Homem brasileiro parece ser, no maior número de casos, um homem antes baixo do que alto e antes moreno amarelado do que rosado, antes magro do que redondamente encorpado, sem que tais característicos signifiquem inferioridade de físico ou de biótipo. É um homem, em casos também numerosos, mestiços em vários graus de mestiçagem sem que nos seja preciso nos desculparmos dessa condição crescentemente meta racial de grande parte da população nacional, perante populações que ainda se ufanem de ser éticamente puras e pretendam associar essa suposta pureza a pretensões de positiva superioridade de sua cultura nacional. O mestiço já não é considerado uma vergonha para a humanidade mas, ao contrário, por alguns observadores idôneos — H. G. Wells foi um deles, Boas foi outro — a antecipação de uma humanidade que venha a ser menos dividida, do que até agora, pelas chamadas fronteiras étnicas.

Ao Professor Arnold Toynbee impressionou o que lhe pareceu o aspecto favorável no grande experimento brasileiro da miscigenação. Em seu contato com o Brasil estivemos longamente juntos: deu êle a êste conferencista a honra de uma visita — a única com que distinguu um particular em nosso país — durante a qual êste e outros assuntos foram por nós considerados. O Professor Toynbee não vê solução mais satisfatória para os problemas de conflito entre gru-

pos étnicos que a miscigenação: a solução brasileira.

Mais do que qualquer outra das grandes populações nacionais modernas, a população do Brasil é uma população miscigenada, com caucasóides e negróides presentes nessa comissão, sem que lhe tenham faltado ameríndios e sem que lhe falte, há meio século, o sangue japonês. Mesmo assim, a presença européia, nessa população, vai até 62 por cento. Muito menos que os 80 por cento que se fazem notar na população de Costa Rica, que os 90 por cento que avultam na população uruguala ou os 97 por cento de sobressaem da população argentina, porém superior, como percentagem, ao que é atualmente essa mesma presença, em qualquer outra população latino-americana. Por outro lado, depois do Paraná, é no Brasil que a presença africana mais avulta como percentagem de população nacional na América Latina: 11 por cento. Sabe-se, entretanto, que no século XVI o número de negros foi maior, no México, que o de europeus, tendo-se reduzido a menos de 1 por cento, absorvido pela numerosa população mestiça dessa grande república hispânica da América, onde os europeus são, atualmente, apenas 15 por cento da população, os ameríndios, 29 por cento e os mestiços — inclusive os descendentes de negros diluídos em mestiços — 55 por cento.

Da população brasileira, tão miscigenada em várias das sub-regiões do país, a mais miscigenada é a do Nordeste, estudada em São Paulo, num grupo con-

siderado típico de nordestino, e pelos mais modernos métodos de análise, nesse setor, pelos geneticistas D. F. Roberts e R. W. Hiorns. Calculam eles a composição desse nordestino típico como sendo 65 por cento portuguesa, 25 por cento africana e 9 por cento ameríndia. Dão conta de sua pesquisa no trabalho "Methods of Analysis of a Híbrid Population" (*Human Biology*, vol. 37, nº 1, 1965). É precisamente este o tipo que antropólogos como este conferencista desde 1937 e Bastos de Ávila, em livro publicado em 1959, e intitulado *Antropologia Física*, e, mais recentemente, Mestre Froes da Fonseca, a base de observações diretas da situação nordestina, vêm considerando mais estabilizado como tipo bio-social, embora a todos nos repugne a idéia de haver uma "raça brasileira" própria-mente dita.

Com o êxodo, que, na década de 50, chegou a ser impressionante, de nordestinos para o Centro-Sul — nordestinos típicos na idade biológica mais vigorosa — dessa presença de brasileiros grandemente miscigenados em sua situação biológica e profundamente telúricos em sua condição ecológica — muitos deles, apresentando-se mais da coloração amarela do que da parda — entre populações, como as do Centro-Sul, desde o início da Segunda Grande Guerra, quase estáticas como populações predominantemente caucasóides ou brancas, vem resultando alterações nada insignificantes, nessa aparente uniformidade albina, à qual se vem sobrepondo, não

pouca, embora moderada nos seus graus, melanização. Se de tal êxodo se pode dizer que vem representando para o Nordeste um rapto de alguns dos seus melhores elementos biológicos, ou bio-sociais, por outro lado, essa migração interna vem pondo, mais uma vez, o brasileiro do Nordeste em função pan-brasileira como elemento biológica e culturalmente unificador ou mediador entre expressões extremamente diferenciadas ou contrárias do Homem do Brasil. Função exercida outrora pelo mesmo nordestino com relação à gente demasiadamente ameríndia do extremo Norte: gente que, com a considerável presença nordestina na Amazônia nos grandes dias da borracha, abraçou-se em consequência de acréscimos ao seu número e de alterações às suas predominâncias de forma e de cor recebidas desses seus já miscigenados compatriotas. Alterações biológicas a que corresponderam modificações culturais e psicoculturais: as "gentis" amazônicas foram, naqueles dias, culturalmente enriquecidos de valores euro-africanos que contribuíram para sua integração, desde então assegurada, ao todo biológico e cultural caracteristicamente brasileiro. A sociedade brasileira. A cultura pan-brasileira. É uma integração já iniciada que precisa apenas de ser ampliada e aprofundada.

Abrasilamento semelhante repita-se que se vem verificando, nos últimos anos, em certas sub-áreas do Centro-Sul, caracterizadas pela predominância, nas suas populações e nas suas cultu-

ras, de elementos neobrasileiros, através da já referida presença nordestina, representada principalmente pelos já referidos machos na flor da vida: homens, muitos deles antes eugênicos que cacogênicos, a despeito das anedotas em torno dos por vezes exemplarmente eugênicos "cabeças chatas" ou "paus de arara". Nessas subáreas, não poucos nordestinos têm unido à função biológica, de desvirginadores da pureza racial neo-européia, a cultural, de transmissores, a neobrasileiros, daqueles usos, daquelas vivências, daquelas experiências, característicos da sua já longa integração no Brasil. Ao mesmo tempo, alguns desses nordestinos têm absorvido, de neobrasileiro, valores e usos suscetíveis de serem abraçados com vantagem para aquêl processo de desenvolvimento meta racial e, até certo ponto, multicultural, do qual se pode esperar que venha a emergir um Homem plenamente brasileiro, ao mesmo tempo singular e plural em sua brasilidade e na sua generalizada, mas não exclusiva, morenidade.

Estará êsse homem como que ecológicamente ideal, agora apenas emergente, se aprofundando noutras regiões, além da nordestina e de subáreas do Centro-Sul e do Sul, na adaptação à ecologia dos espaços que vem ocupando, da natureza que vem explorando, dos ambientes totais com que vem convivendo? Pode-se talvez responder que, sob certos aspectos, sim — considerado o Homem brasileiro como um tipo sociologicamente weberiano de

tipo ideal" e admitidas exceções importantes ao que seja sua relativa normalidade de desenvolvimento ecológico. Sua natalidade é, atualmente, das mais altas. Sua média de vida vem se elevando e diminuindo a excessiva e humilhante percentagem de indivíduos de menos de vinte anos na sua população. Suas vitórias sobre a malária vêm-se accentuando, embora, por outro lado, a esquistossomose continue a degradar grande parte das águas, outrora saudáveis, do espaço brasileiro mais ligado à presença humana; e a degradação das águas venha sucedendo a degradação física de numerosos brasileiros das populações ribeirinhas. Hábitos de alimentação e de recreação, métodos e facilidades de educação e de higiene quer pessoa, quer pública, vêm aspectos positivos — nos últimos decênios, concorrendo para que se aprofunde, no Brasil, aquela adaptação do homem ao seu meio ou ambiente sem prejuízo de sua civilidade ou da sua europeidade: civilidade no sentido de vir sua cultura mais civilizada — a de origem européia — porém não antitelúrica, ganhan-

do extensão sobre áreas outrora ásperamente rústicas e de subculturas não só telúricas como arcaicas — agrária e pastorilmente arcaicas. Processo de extensão de formas civilizadas de cultura a áreas menos acessíveis a essa penetração que se deve à crescente intercomunicação física e cultural entre extremos — os rústicos e os urbanos — até há pouco tão física e social e culturalmente distantes — por novas técnicas de transporte e de comunicação. Técnicas tão importantes num país da extensão do Brasil.

Insista-se, porém, dessa extensão de formas civilizadas de cultura que ela não vem sistematicamente implicando — nem precisa de implicar — em repúdio às formas telúricas de uma cultura ecológicamente brasileira. Semelhante repúdio seria desvantajoso à definição de uma cultura autenticamente brasileira. Ecológicamente brasileira. Sem essa cultura ecológica dificilmente se poderá conceber um homem genuinamente brasileiro. Ou um tipo efetivamente nacional de homem brasileiro.

*É muito melhor lançar-se à luta em busca do triunfo, mesmo expondo-se ao insucesso, do que permanecer na fila com os pobres de espírito que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta, que não conhece derrota nem vitória.*

FRANKLIN DELANO ROOSEVELT